

Texto de apoio

As florestas dos cursos de água



É comum, hoje em dia, identificar-se a presença de um rio ao longe através da existência de um corredor de árvores que o ladeiam e acompanham de forma mais ou menos contínua em quase toda a extensão. Esse corredor, cuja largura é muito variável, podendo ocupar desde poucos metros até faixas muito largas e densas, é designado por galeria ripícola ou ecossistema ripário (...). De uma forma geral, as espécies ripárias estão muito bem enraizadas e estão adaptadas a solos que sofrem inundações periódicas por forma a resistirem em caso de cheias. As árvores mais comuns são os salgueiros (*Salix* spp.), freixos (*Fraxinus* spp.), choupos (*Populus* spp.), entre outras, embora de uma comunidade ripária façam também parte inúmeras espécies de arbustos e herbáceas.

Este sistema de transição apresenta diversas funções que condicionam não só a forma como o curso de água afeta o ecossistema terrestre mas também o modo como este último influencia o ambiente aquático. Assim, para além de proporcionarem abrigo a animais terrestres, principalmente em alturas extremas, como períodos muito quentes e/ou secos, devido à sua continuidade ao longo do rio, as galerias podem também estabelecer um corredor de movimento para a vida selvagem. A sombra criada pelas espécies vegetais, para além de atenuar as temperaturas do ar, modera similarmente as da água, o que, em rios temporários, comuns principalmente na zona Sul do nosso país e onde frequentemente se assiste à formação

de pegos, pode ser fundamental para a sobrevivência de espécies quer animais quer vegetais. A galeria controla a contaminação dos cursos de água, fundamentalmente ao nível do solo, uma vez que filtra parcialmente sedimentos e nutrientes das escorrências provenientes dos terrenos adjacentes, reduzindo a entrada destes componentes no sistema aquático e diminuindo a concentração de poluentes quer em suspensão quer dissolvidos na água. Simultaneamente, contribui para a estabilidade do solo e das margens do curso de água, prevenindo a erosão das mesmas e evitando a perda de diversidade e complexidade dos habitats aquáticos. Troncos e ramos caídos e raízes ripárias existentes dentro dos rios podem igualmente aumentar essa diversidade, uma vez que diminuem a velocidade da água e promovem proteção e abrigo para diferentes espécies animais em diferentes fases de desenvolvimento, podendo ainda funcionar como filtros ou coletores de detritos e sedimentos e, consequentemente, como fonte de alimento direta ou indireta. O rio, por sua vez, fornece água a muitas das espécies vegetais e animais que vivem na zona ripária e as cheias trazem periodicamente nutrientes para este ecossistema, enriquecendo o seu substrato. A galeria, no entanto, modera a força das cheias, uma vez que diminui a velocidade com que a água atinge as culturas agrícolas localizadas nos terrenos adjacentes, minimizando as perdas.

Luísa Chaves e Ana Mendes, *Liberne*, n.º 82 (adaptado)